



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa
Escola de Psicologia e Ciências da Vida
Psicologia Forense

**VIOLÊNCIA ONLINE NAS RELAÇÕES DE
INTIMIDADE E PSICOPATIA – UM ESTUDO
EMPÍRICO COM JOVENS ADULTOS
PORTUGUESES**

Dissertação de Mestrado apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de mestre em Psicologia Forense, orientada por Professora Doutora Olga Cunha.

Mariana Braga Martins Tereso

2023

www.ulusofona.pt

U N I V E R S I D A D E



LUSÓFONA

Centro Universitário de Lisboa

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Psicologia Forense

MARIANA BRAGA MARTINS TERESO

**VIOLÊNCIA ONLINE NAS RELAÇÕES DE
INTIMIDADE E PSICOPATIA – UM ESTUDO
EMPÍRICO COM JOVENS ADULTOS
PORTUGUESES**

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário de Lisboa no dia 17/01/2024, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 421/2023, de 02 de Novembro, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Carolina da Motta

Arguente: Professora Doutora Patrícia Figueiredo

Orientadora: Professora Doutora Olga Cunha

Este trabalho também foi orientado por Professora Doutora Ana Rita Cruz

Lisboa

2023

Epígrafe

Nunca poderei ler todos os livros que quero.
Nunca poderei ser todas as pessoas que quero
e viver todas as vidas que quero.
Nunca poderei treinar-me em todas as
competências que quero.
E porque é que eu quero?
Quero viver e sentir todas as cores, tons e
variações da experiência mental e física
possíveis na minha vida.
E estou terrivelmente limitada.

— Sylvia Plath, Os Diários de Sylvia Plath (1982)

Agradecimentos

Quero começar por agradecer aos meus pais, pois sem eles nada disto seria possível. Obrigada por todo o apoio e por me darem a oportunidade e de me incentivarem a apostar no meu percurso académico, e me permitirem traçar o meu próprio caminho.

Agradeço à Professora Doutora Ana Rita Cruz por ter acompanhado esta etapa tão crucial, e que apesar de não ter sido possível atravessar a meta comigo, foi sempre um apoio incansável e uma profissional incrível.

À Professora Doutora Olga Cunha que aceitou o desafio de me acolher perante o imprevisto, por todo o conhecimento que transmitiu e por todo o apoio e paciência que me possibilitaram a elaboração e conclusão deste trabalho.

Agradeço à Universidade Lusófona de Lisboa por ter sido a minha segunda casa nestes últimos seis anos, e que me permitiu conhecer professores e profissionais que marcaram e moldaram o meu percurso académico.

Obrigada ao Professor Doutor Nélio Brazão e à Professora Doutora Carolina da Motta por terem acendido em mim a chama da Psicologia Forense, e que mostraram o que é ser um profissional com amor pela profissão.

A todos os colegas, que se tornaram amigos, e que traçaram o meu percurso, que acompanharam esta jornada por vezes emocionalmente exaustiva, mas sem dúvida gratificante, que choraram e riram comigo e me incentivaram a ser melhor, em especial à Mariana, Giovanna, Sthefanny, Rita, Sandra, Diogo, Beatriz e Adriana.

Agradeço aos meus melhores amigos Maria Ana, Daniela, José e Catalina pela paciência, pelo apoio incondicional e força que precisei para terminar esta etapa, por me manterem sã neste último ano, e por me permitirem aplicar os conhecimentos que obtive durante a minha formação em sessões de terapia quando precisavam.

Obrigada a todos os que celebram comigo a conclusão desta etapa.

Obrigada a mim.

Resumo

A literatura vem identificando correlações entre a psicopatia e a perpetração de violência nas relações de intimidade (VRI) offline, no entanto, a relação entre a psicopatia e perpetração de VRI online ainda se encontra pouco explorada. O presente estudo teve por objetivo analisar a relação entre a psicopatia e as facetas da psicopatia e a perpetração de VRI online, e analisar diferenças de sexo. A amostra foi composta por 535 adultos portugueses da comunidade, com idades entre os 18 e os 73 anos, recrutados através de diversas plataformas online, que responderam ao Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes – Versão Portuguesa (CADRI-P) e à Escala de Autorrelato da Psicopatia – Versão Curta (SRP-SF). Os resultados mostraram uma correlação positiva e significativa entre as facetas afetiva, interpessoal e estilo de vida da psicopatia e a perpetração de VRI online, sendo que os homens perpetradores de VRI online obtiveram scores mais elevados na psicopatia, com um efeito maior para as facetas estilo de vida e interpessoal. Os resultados vão ao encontro da literatura atual, e não seguem os mesmos padrões encontrados para a VRI offline, evidenciando a necessidade de planos de ação, prevenção e intervenção específicos para a VRI online.

Palavras-chave: violência online nas relações de intimidade, psicopatia, tecnologias, jovens adultos

Abstract

Literature has identified correlations between psychopathy and the perpetration of intimate partner violence (IPV) offline; however, the relationship between psychopathy and the perpetration of IPV online has not been fully explored. This study aimed to analyze the relationship between psychopathy and the facets of psychopathy and the perpetration of online IPV, plus to analyze gender differences. The sample consisted of 535 Portuguese adults from the community, aged between 18 and 73, recruited through various online platforms, who answered the Inventory of Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory - Portuguese Version (CADRI-P) and the Short Version of the Self-Report Psychopathy Scale (SRP-SF). The results showed a positive and significant correlation between the affective, interpersonal and lifestyle facets of psychopathy and the perpetration of online IPV, with male perpetrators of online IPV obtaining higher scores on psychopathy, with a greater effect for the lifestyle and interpersonal facets. The results are in line with current literature and do not follow the same patterns found for offline IPV, highlighting the need for specific action, prevention, and intervention plans for online IPV.

Keywords: online intimate partner violence, psychopathy, technologies, young adults

Siglas e Abreviaturas

AFF	Faceta Afetiva
ANT	Faceta Antissocial
APA	<i>American Psychiatric Association</i>
APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
Art.º	Artigo
CADRI-P	Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes
EPCV	Escola de Psicologia e Ciências da Vida
F	Variância estatística
p	Valor de significância estatística
FRA	Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia
INT	Faceta Interpessoal
LIF	Faceta Estilo de Vida
M	Média
DP	Desvio-Padrão
N	Tamanho da amostra
PCL-R	<i>Psychopathy Checklist-Revised</i>
SDRS-5	Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Science</i>
SRP-SF	Escala de Autorrelato da Psicopatia – Versão Curta
SSI	Sistema Segurança Interna
VRI	Violência nas Relações de Intimidade
α	Alfa de Cronbach
r	Correlação de Pearson

Índice

Lista de Tabelas	9
Introdução	10
Violência nas Relações de Intimidade	10
Violência nas Relações de Intimidade Online	12
Psicopatia	14
Psicopatia e VRI	16
Psicopatia e VRI Online	17
Presente estudo	18
Método	19
Amostra	19
Instrumentos	20
Questionário Sociodemográfico	20
Escala de Autorrelato da Psicopatia – Versão Curta (SRP-SF).....	21
Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes (CADRI-P).....	21
Escala de Respostas Socialmente Desejáveis – 5 (SDR-S 5).....	22
Procedimento	22
Análise de Dados	23
Resultados.....	24
Discussão	28
Limitações	33
Estudos Futuros	34
Implicações Práticas e Contributos.....	35
Referências	38

Lista de Tabelas

Tabela 1. <i>Características Sociodemográficas da Amostra</i>	19
Tabela 2. <i>Análise Descritiva dos Instrumentos</i>	24
Tabela 3. <i>Análise Descritiva dos Itens do CADRI-P</i>	25
Tabela 4. <i>Diferenças de Sexo no Total e Facetas da Psicopatia</i>	25
Tabela 5. <i>Diferenças nas Facetas da Psicopatia e VRI Online</i>	27
Tabela 6. <i>Efeito da Desejabilidade Social e Sexo nas Facetas da Psicopatia</i>	28
Tabela 7. <i>Diferenças de Sexo no Total e Facetas da Psicopatia nos Perpetradores de VRI Online</i>	28

Introdução

Violência nas Relações de Intimidade

A violência nas relações de intimidade (VRI) é um fenómeno prevalente e de elevado interesse na investigação na área da Psicologia Forense. Caracterizada como um problema global social e de saúde pública, assim como uma violação da dignidade humana, a VRI tem sérias e complexas implicações em variados contextos, tanto para a vítima como para a comunidade e para os sistemas de saúde e de justiça (Machado et al., 2018).

No código penal português, a VRI é integrada no artigo 152º de Violência Doméstica, que refere:

Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus-tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade, ofensas sexuais ou impedir o acesso ou fruição aos recursos económicos e patrimoniais próprios ou comuns (...) ao cônjuge ou ex-cônjuge ou pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro (Código Penal e Código Processo Penal, 2021, pp. 55)

A VRI pode ser compreendida como um conjunto de táticas ilegítimas de resolução de conflitos interpessoais em relações de intimidade, que incluem formas mais tradicionais como atos de violência física (pontapés, empurrões, lesões graves ou ligeiras), psicológica ou emocional (comportamentos verbais com o intuito de humilhar, desprezar, insultar, criticar ou manipular a vítima), social (ações que conduzam ao isolamento da vítima, impedimento de conviver com amigos ou familiares, proibição de sair de casa), sexual (prática forçada de todo o ato sexual, tentativa de consumação de ato sexual, comentários ou insinuações sexuais não desejadas, forçar a praticar atos sexuais com terceiros, forçar a prostituição, entre outras) e/ou perseguição ou *stalking*, caracterizado por um padrão de comportamentos de assédio através de comunicação, contacto, vigilância e monitorização persistente e sem que a pessoa o deseje/consinta (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2020a; Bowen, 2011; Cunha et al., 2022; Lutgendorf, 2019).

Para além das implicações de saúde a nível físico (e.g., lesões corporais, traumatismos, gravidez indesejada, dores crónicas), psicológico (e.g., depressão, ansiedade, stress pós-traumático, insónias) e sociais (e.g., dificuldades nas relações próximas, isolamento, absentismo no trabalho) na vítima, a VRI comporta efeitos económicos, resultando em custos nos cuidados de saúde, custos legais, entre outros (e.g., contratação de advogados; Lutgendorf, 2019).

Segundo o relatório anual da APAV, foram registados 19.846 pedidos de apoio em função de crimes de violência doméstica em 2021 (APAV, 2021). Relativamente a participações e queixas-crime, registaram-se cerca de 30.488 no ano de 2022, sendo que a violência contra o cônjuge ou ex-cônjuge assume 86% dessas mesmas ocorrências (Sistema de Segurança Interna [SSI], 2022). Foram ainda registados 864 condenados por crimes de violência doméstica e detidos 2514 suspeitos (SSI, 2022). Mais concretamente, num inquérito à escala da União Europeia acerca da violência contra as mulheres, realizado pela Agência Dos Direitos Fundamentais Da União Europeia (FRA) em 2014, concluiu-se que 22% das respondentes, que tinham ou têm um parceiro íntimo, foram vítimas de violência física e/ou sexual por parte deste, desde os 15 anos de idade, e 43% sofreu de alguma forma de violência psicológica. No que concerne a vitimação em Portugal, 19% das mulheres reportou agressões físicas e/ou sexuais por parte do parceiro íntimo, e entre 30-39% sofreu de algum tipo de agressão psicológica (FRA, 2014). No que concerne à violência no namoro ou nas relações de intimidade, pelo menos um em cada quatro jovens reportaram já ter sido vítimas de algum tipo de comportamento abusivo por parte do/a parceiro/a (APAV, 2020b, p. 1).

Apesar da perpetração de VRI ser mais atribuída ao sexo masculino, a literatura vem-nos mostrando que também as mulheres praticam este tipo de violência, e que homens podem assumir o papel de vítima (Machado et al., 2018; Scott-Storey et al., 2023). Além disso, a literatura mais atual revela que parecem existir mais semelhanças entre homens e mulheres como perpetradores de violência do que se pensava, nomeadamente na frequência, severidade e fatores de risco, apesar de nas mulheres muitas vezes ser relacionada a (ou percebida como) autodefesa (Hamberger & Larsen, 2015; Robertson & Murachver, 2007; Spencer et al., 2022). Não obstante, ainda existe alguma inconsistência nos dados de prevalência de vitimação consoante o sexo, possivelmente pela quantidade de casos que não chegam a ser reportados às autoridades (Scott-Storey et al., 2023). Por exemplo, Lutgendorf (2019) aponta uma prevalência global de 37.3% para a vitimação nas mulheres e de 30.9% para os homens. Nos Estados Unidos, o Inquérito Nacional de Violência Sexual e em Relações de Intimidade de 2016/2017 aponta para uma prevalência geral de 44,2% para a vitimação nos homens, incluindo violência física, sexual e/ou *stalking*, e de 6.8% nos 12 meses anteriores ao inquérito (Leemis et al., 2022). À semelhança, num estudo comunitário que incluiu seis países Europeus (Alemanha, Grécia, Hungria, Portugal, Suécia e Reino Unido), não se verificaram diferenças significativas em termos de vitimação para homens e mulheres, o que sugere taxas de prevalência aproximadas (Costa et al., 2015). Em Portugal, um estudo realizado na comunidade com 1556 homens

adultos, revelou que 91% da amostra reportou algum tipo de agressão por parte do/da parceiro/a íntimo/a, com ênfase na violência psicológica (85,4%; Machado et al., 2018).

Violência nas Relações de Intimidade Online

Com a rápida emergência e constante evolução das tecnologias, os *smartphones* e as redes sociais têm-se tornado uma parte imprescindível da vida dos adolescentes e jovens adultos (Galende et al., 2020). A vida online tem facilitado a comunicação entre familiares e entes queridos, uma vez que em apenas alguns segundos é possível enviar uma mensagem ou realizar uma chamada para a pessoa que pretendemos (Peskin et al., 2017). Cada vez mais, os adolescentes e jovens adultos utilizam estes meios para manterem contacto com os seus parceiros e ficam online a maior parte do dia, acabando por acentuar a ideia de uma constante disponibilidade para comunicar, resultante da facilidade e comodidade que os telemóveis oferecem (Muñiz Rivas & Monreal Gimeno, 2017; Peskin et al., 2017; Rodríguez-Domínguez & Segura, 2018). Tal facto pode ajudar a explicar que comportamentos abusivos, no âmbito da VRI, muitas vezes, passem do offline para o online. Posto isto, a investigação acerca da ciberviolência no contexto das relações de intimidade tem vindo a ganhar força em anos recentes, com o objetivo de compreender a rápida emergência deste fenómeno e as suas consequências nas vítimas (Caridade & Braga, 2020; Peskin et al., 2017; Rodríguez-Domínguez & Segura, 2018; Taylor & Xia, 2018).

A ciberviolência nas relações de intimidade é um construto multidimensional, definido como um conjunto de comportamentos perpetrados através dos meios tecnológicos e digitais, tais como ameaças, humilhações ou controlo da vida privada da vítima através das diversas redes sociais (e.g., Facebook, Instagram, Twitter), mensagens ou e-mails (Hancock et al., 2017; Rodríguez-de Arriba et al., 2021). Este tipo de abuso pode enquadrar-se na violência relacional e na violência psicológica, devido à natureza verbal e não verbal da mesma. Não obstante, é importante salientar que a violência sexual pode estar de igual modo implicada, através do *sexting* (práticas sexuais através dos meios digitais, como vídeo chamadas, partilha de fotos ou troca de mensagens explícitas) forçado ou da partilha de imagens explícitas sem o consentimento da vítima, ou com recurso à coação (Stonard et al., 2017). A facilidade de perpetração desta forma de abuso é explicada pela rapidez e acessibilidade do/a agressor/a conseguir tornar estes comportamentos públicos e aumentar a vulnerabilidade da vítima, facilitando assim o exercício de controlo e dominância na mesma (Hancock et al., 2017; Rodríguez-deArriba et al., 2021).

Entre alguns dos comportamentos mais reportados na literatura, destacam-se o roubo de informação pessoal, visualização de conteúdo privado (mensagens e fotos), controlo da localização, *cyberstalking*, limitação das relações sociais, envio de ameaças por e-mail ou mensagem, postar mensagens hostis e humilhantes na internet e obtenção de informação acerca da vítima sem o seu consentimento, através da invasão das suas contas privadas (Hancock et al., 2017; Rodríguez-deArriba et al., 2021). De facto, o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro: Crenças e Práticas (2020) reportou que de 3256 respondentes, 16,4% das mulheres e 14,7% dos homens já viram invadidas as suas redes sociais, telemóvel, e-mails ou outros meios de comunicação/interação e que 0.9% das mulheres e 1.3% dos homens recorreu às tecnologias de comunicação para ameaçar ou chantagear (e.g., WhatsApp, Instagram, Facebook, telemóvel, e-mail ou outras)”.

Apesar deste fenómeno ser relativamente recente na investigação, é estimado que aproximadamente entre 12% a 56% dos jovens já lidaram ou lidam atualmente com ciberviolência nas relações de intimidade (Stonard et al., 2017). Uma revisão sistemática da literatura conduzida por Caridade et al. (2019) aponta uma prevalência entre 6%-93.7% para a perpetração de violência e 5.8%-92% para vitimação, em jovens adultos e estudantes universitários. De igual modo, Smith et al. (2018) reportaram uma alta prevalência de perpetração de violência online nas relações de intimidade numa amostra de adolescentes no Quebec (36.7%), sendo que esta não difere significativamente entre rapazes e raparigas. Contrariamente, Rodríguez-Domínguez e Segura (2018) reportam uma maior perpetração de violência online nas relações no sexo masculino, comparativamente ao sexo feminino. Os autores avançam como possíveis explicações as ideias e crenças sexistas presentes nos ofensores e a necessidade de exercer controlo e dominância sobre a parceira. Em Portugal, a prevalência deste fenómeno, nos jovens adultos, encontra-se entre os 14% e os 66% para a vitimação e entre os 18% e os 75% para a perpetração, consoante o tipo de violência (Caridade et al., 2020).

No entanto, existem alguns fatores que podem contribuir para a fraca compreensão do conceito da violência online no contexto das relações de intimidade, por parte da população geral, e consequentemente enviesar dados de prevalência, nomeadamente as perceções dos adolescentes e jovens adultos acerca dos comportamentos abusivos e possíveis justificações para os mesmos. Por exemplo, a normalização de alguns comportamentos que não são percecionados como abuso, ou são percebidos como sendo menos graves do que são na realidade, como a ideia de que partilhar palavras-passe das contas pessoais é sinal de confiança

ou controlo de *likes* em publicações que pode ser interpretado como amor em vez de ciúmes (Caridade et al., 2020; Rodríguez Domínguez et al., 2020).

Tal como outras formas de violência nas relações de intimidade, a VRI online pode ter implicações graves na vida da vítima. A prevalência de emoções negativas, ansiedade, medo, tristeza, raiva, baixa autoestima, *distress* emocional e ideação suicida são algumas das consequências apontadas pelos investigadores em vítimas de VRI online (Hancock et al., 2017; Hinduja & Patchin, 2011).

Relativamente aos fatores de risco para a perpetração de VRI online, a literatura aponta algumas características que podem contribuir para o aumento da probabilidade de agressão. Em termos de fatores individuais, destacam-se dificuldades de saúde mental, depressão, impulsividade, hostilidade, experiências adversas na infância, baixa tolerância à frustração e perturbações da personalidade (Branson & March, 2021; March et al., 2020). No que concerne a fatores comportamentais, é apontado o consumo de substâncias, a perpetração de violência no passado, os ciúmes e a presença online que, relacionada aos fatores individuais mencionados anteriormente, pode agravar a probabilidade de perpetração (Caridade & Braga, 2020).

Psicopatia

O conceito de psicopatia tem vindo a ser alvo de debate entre as várias gerações de investigadores ao longo das décadas, desde os seus primórdios, até aos dias de hoje. O primeiro registo deste tópico controverso pode ser rastreado até 1941, com a publicação da obra “*The Mask of Sanity*” de Cleckley (1941), onde o autor descreve traços como uma deficiente resposta afetiva face aos outros, assim como desinibição e ousadia acentuadas em amostras clínicas, e maldade e desinibição na população forense (Mullins-Nelson et al., 2006; Patrick, 2022). O autor conceptualizou alguns critérios, nomeadamente características saudáveis e normativas como a adaptabilidade social, o discurso coerente ou a ausência de sintomas neuróticos e ansiosos, utilizados para mascarar os comportamentos patológicos impulsivos e imprudentes (Patrick, 2022). É com base nestas características que, mais tarde, foi desenvolvida a medida de avaliação da psicopatia mais utilizada na atualidade, a *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R) por Hare et al. (1991).

Atualmente, a psicopatia é definida de forma dimensional e multifacetada, compreendendo características interpessoais (e.g., manipulação e egocentrismo), afetivas (e.g., ausência de remorso e empatia face aos outros) e comportamentais (e.g., impulsividade, irresponsabilidade e conduta antissocial (Cunha et al., 2020; Hare & Neumann, 2009).

Ao longo dos anos, e com o avançar da investigação, vários modelos procuraram categorizar e compreender o conceito de psicopatia. Com isto, surgem diversas questões acerca da sua natureza, dimensão, expressão e etiologia. Graças ao trabalho de Hare et al. (1991; Cooke et al., 1999), foi possível identificar características da psicopatia, e separá-las em categorias ou fatores, através do desenvolvimento da PCL-R. Na primeira versão do instrumento, foram identificados dois fatores, que deram origem ao Modelo de Dois Fatores. O Fator 1 compreende características afetivas, como a ausência de remorso e a superficialidade, e características interpessoais, destacando-se o charme, a manipulação e o egocentrismo. Já o Fator 2 é caracterizado por indicadores de comportamento desviante como a irresponsabilidade, impulsividade e procura de sensações (Cooke et al., 1999; Cunha et al., 2020; Mullins-Nelson et al., 2006; Patrick, 2022).

Apesar do seu impacto e contributo para o avanço científico acerca deste tema, o Modelo de Dois Fatores acabou por perder alguma força, uma vez que surgiram dúvidas acerca da sua estrutura e capacidade para ser um modelo representativo, capaz de medir de forma adequada as diferentes componentes da psicopatia (Cunha et al., 2020). Assim, Cooke e Michie (2001) sugerem a reestruturação da medida para um Modelo Trifatorial, compreendendo traços interpessoais, afetivos e comportamentos de estilo de vida, descurando itens da componente antissocial (Cooke & Michie, 2001; Cunha et al., 2020).

Mais tarde, Hare et al. (2006, como citado em Hare & Neumann, 2009) propõem um Modelo de Quatro Fatores, que engloba, não só os fatores originais do Modelo de Dois Fatores, a designação proposta pelo Modelo Trifatorial de Cooke e Michie e a inclusão da faceta antissocial. Atualmente, o Modelo de Quatro Fatores é a conceptualização mais robusta e representativa do construto multidimensional da psicopatia, sendo globalmente reconhecido entre os peritos (Cunha et al., 2020; Patrick, 2022). Adotando uma estrutura com quatro dimensões, este modelo compreende as facetas interpessoal (INT), afetiva (AFF), estilo de vida (LIF) e antissocial (ANT). Relativamente ao fator interpessoal, destacam-se os traços de charme superficial, grandiosidade, mentira patológica e manipulação. No fator afetivo de realçar a falta de empatia e remorso, superficialidade e dificuldade em aceitar responsabilidade. Enquanto o estilo de vida é caracterizado por necessidade de estimulação, estilo parasita, ausência de objetivos realistas e de longo prazo, impulsividade e irresponsabilidade, o fator antissocial surge relacionado com a dificuldade no controlo de impulsos, problemas comportamentais precoces, delinquência juvenil e versatilidade criminal (Hare & Neumann, 2009).

Apesar da vasta investigação e dos modelos conceptuais que têm surgindo, respostas definitivas capazes de definir consensualmente o conceito de psicopatia ainda se encontram longe, assim como os seus componentes, percurso desenvolvimental e compreensão do funcionamento emocional nos indivíduos (Patrick, 2022).

No que concerne à expressão de traços psicopáticos, verificam-se algumas diferenças consoante o sexo. Estudos apontam para a predominância de características interpessoais e afetivas nas mulheres, nomeadamente comportamentos de manipulação, dominância, utilização da sexualidade e agressividade como formas de manipulação (Pinheiro et al., 2020, 2022a, 2022b). No entanto, importa referir que a prevalência de psicopatia em mulheres reclusas é inferior comparativamente aos homens (Pinheiro et al., 2020). Existem ainda diferenças no que concerne ao risco de perpetração e as facetas da psicopatia mais prevalentes em cada sexo, notando que pontuações elevadas na faceta interpessoal predizem agressão para mulheres, enquanto para os homens, esta relação é verificada para a faceta antissocial (Thomson et al., 2019). Adicionalmente, verificam-se, de igual modo, diferenças de sexo relativamente à taxa de reincidência, na medida em que as pontuações elevadas na PCL-R parecem estar associadas a reincidência no crime nos homens, não se verificando o mesmo para as mulheres (Cunha et al., 2022; Pinheiro et al., 2022).

Psicopatia e VRI

Alguns estudos apontam para uma relação significativa entre a perpetração de VRI e os traços psicopáticos (Collison & Lynam, 2023; Cunha et al., 2021, 2022; Forth et al., 2022; Plouffe et al., 2022; Robertson et al., 2020). Numa revisão da literatura acerca de preditores para a VRI, Robertson et al. (2020) identificaram a psicopatia como um dos principais fatores preditivos para a perpetração de VRI, comparativamente a outros fatores de risco (e.g., consumo de álcool, comportamento antissocial e agressão). No entanto, reportaram não haver diferenças significativas entre as diferentes facetas da psicopatia como preditores de VRI. Pelo contrário, outros estudos que utilizam o Modelo de Quatro de Fatores de Hare (2003) identificam a faceta afetiva como maior preditora da perpetração de VRI (Cunha et al., 2020, 2021; Forth et al., 2022). À semelhança, Iyican e Babcock (2018) encontraram um efeito significativo, numa amostra comunitária, entre as dimensões interpessoais e afetivas da psicopatia e a prevalência de perpetração de violência nas relações de intimidade, sendo esta superior nos homens. Já Plouffe et al. (2022), utilizando o Modelo de Dois Fatores, concluíram que a faceta 2, ou seja, características correspondentes às facetas estilo de vida e antissocial, é um preditor significativo da perpetração de VRI.

A psicopatia é apontada como um fator de risco para a agressão física e/ou violência nas relações de intimidade, dado que homens com traços de psicopatia cometem mais crimes desta natureza em comparação com homens que não apresentem traços antissociais e/ou psicopáticos (Collison & Lynam, 2023; Cunha et al., 2021). Por exemplo, um estudo realizado por Cunha et al. (2021) numa amostra forense de perpetradores de VRI portugueses encontrou que a psicopatia se assume como um preditor da frequência e severidade de VRI, refutando evidências de Robertson et al. (2020) que não encontraram qualquer relação numa revisão da literatura.

O estudo da psicopatia, e em concreto da relação entre esta e a VRI, tem focado na sua maioria populações forenses, no entanto, torna-se importante explorar a mesma ao nível da comunidade, uma vez que, apesar de pouco reportada, há evidência de que esta pode ser igualmente prevalente (Boduszek et al., 2021). De facto, Boduszek et al. (2021) relevam que entre adolescentes, estudantes universitários, adultos e reclusos não existem diferenças significativas na avaliação da psicopatia, o que pode tornar imprescindível a investigação de algumas problemáticas associadas à psicopatia nestes grupos.

Psicopatia e VRI Online

Apesar de, nos últimos anos, se verificar um crescente interesse e número de estudos focados na problemática da violência online nas relações de intimidade, a sua relação com traços psicopáticos nas camadas mais jovens ainda se encontra pouco explorada e algo inconsistente.

Alguns estudos apontam determinados traços psicopáticos como preditores de violência online nas relações de intimidade, uma vez que características presentes na psicopatia se encontram relacionadas a fatores de risco para a perpetração de violência online nas relações de intimidade e *cyberstalking* (Branson & March, 2021; Fernández-Suárez et al., 2018; Iycian & Babcock, 2018; March et al., 2020). Embora a maioria dos estudos citados mencione a psicopatia primária e secundária, destacam-se características referentes aos quatro fatores do modelo de Hare, como a elevada hostilidade, agressividade e impulsividade, correspondentes à faceta estilo de vida, assim como emoções negativas e relações sociais pobres, relacionadas com a faceta interpessoal (Iycian & Babcock, 2018; March et al., 2020). Um estudo realizado com adultos holandeses concluiu que os participantes que obtiveram scores superiores em características de personalidade da tétrede negra (maquiavelismo, narcisismo, psicopatia e sadismo), especialmente na psicopatia, são mais propensos a perpetrar VRI online (Meier, 2023). Paralelamente, participantes com pontuações superiores ao nível da psicopatia

pontuaram mais em questões de agressão direta de VRI online (i.e., ato agressivo com intenção deliberada de magoar o/a parceiro/a atual ou ex-parceiro/a, como insultos ou ameaças). Pelo contrário, Bhogal e Wallace (2022) não encontraram qualquer relação entre características da tríade negra (Maquiavelismo, narcisismo e psicopatia) e a perpetração de VRI online.

No que concerne às diferenças de sexo relativamente aos comportamentos online abusivos perpetrados, Pineda et al. (2022) reportaram uma associação direta entre a psicopatia e a perpetração de VRI online, destacando os comportamentos controladores nas mulheres. March et al. (2020) corroboram estas conclusões, evidenciando a utilização de tecnologia para controlar o parceiro e a realização de chamadas telefónicas como comportamentos controladores mais associados às mulheres.

De modo conclusivo, a literatura demonstra evidência que corrobora a existência de uma relação entre alguns traços de psicopatia e a perpetração de diferentes formas de violência nas relações de intimidade. No entanto, enquanto esta relação parece restringir-se às facetas afetiva e interpessoal, para as formas de violência tradicionais (Cunha et al., 2021), a violência online aparenta não estar diretamente relacionada com um fator específico, mas características de todas as quatro facetas (Branson & March, 2021; Iyican & Babcock, 2018; March et al., 2020; Pineda et al., 2022).

Presente estudo

O presente estudo pretende explorar a relação entre os traços da psicopatia, utilizando o Modelo de Quatro Fatores de Hare (2003), e a perpetração de violência online nas relações de intimidade numa amostra comunitária portuguesa. Uma vez que os estudos acerca da psicopatia focam maioritariamente populações forenses e a sua relação com a VRI offline, sendo a VRI um fenómeno prevalente em amostras da comunidade e cada vez mais prevalentes as formas de VRI online, torna-se fulcral a investigação desta relação em amostras da comunidade de modo a contribuir para a formulação de planos de prevenção e intervenção precoces adequados a esta realidade. Assim, contribuiremos para o avanço científico da investigação deste fenómeno, que se tem mostrado cada vez mais presente na vida dos jovens adultos, auxiliando na sua compreensão, educação e prevenção junto da população.

De acordo com os objetivos específicos, foram formuladas três hipóteses de investigação. Primeiro pretende verificar-se se existe uma relação entre as facetas da psicopatia e a perpetração de violência online, tal como encontrado para a violência offline: “Existe uma relação positiva entre o total de psicopatia e a perpetração de violência online em relações de intimidade nos jovens adultos” (H1).

Em segundo lugar, e considerando os padrões encontrados para a VRI offline, analisar as diferenças nas facetas da psicopatia entre perpetradores e não perpetradores de VRI online: “Jovens adultos perpetradores de VRI online pontuam mais nas facetas AFF e INT, comparativamente com jovens adultos que não perpetram VRI online” (H2).

Finalmente, explorar as diferenças de sexo nas diversas facetas da psicopatia dos participantes que reportam algum grau de perpetração de VRI online: “Mulheres que perpetram VRI online pontuam mais nas facetas AFF e INT, comparativamente com os homens” (H3).

Método

Amostra

O presente estudo conta com uma amostra comunitária composta por 535 participantes com idade igual ou superior a 18 anos (cf. Tabela 1). É constituída maioritariamente por mulheres (81.5%), com idades compreendidas entre os 18 e os 73 anos, sendo a média de 25.68 anos ($DP=8.59$). Do total de respondentes, 95.5% tinha nacionalidade portuguesa, 82.4% era solteiro/a, sendo que 62.6% se encontrava num relacionamento amoroso e a maioria não tinha filhos (84.9%). No que concerne às habilitações académicas, 46.4% dos participantes eram licenciados, sendo a maioria estudantes (47.1%). Relativamente ao seu estatuto socioeconómico, 44.9% da amostra classificou o seu estatuto como médio. No que diz respeito à saúde mental, 71.2% dos participantes reportaram não terem sido diagnosticados com nenhuma perturbação mental, 52.3% relataram não consumir bebidas alcoólicas e 92.9% não consumia outras substâncias (e.g., haxixe, cocaína).

Tabela 1

Características Sociodemográficas da Amostra

Característica	<i>N</i>	%
Sexo		
Homem	99	18.5
Mulher	436	81.5
Orientação Sexual		
Heterossexual	478	89.3
Lésbica	10	1.9
Gay	3	.6
Bissexual	31	5.8
Nacionalidade		
Portuguesa	511	95.5
Outra	13	2.4
Estado Civil		
Solteira/o	441	82.4

Casada/o União de Facto	83	15.5
Divorciada/o Separada/o	10	1.9
Relacionamento Amoroso		
Sim	335	62.6
Não	199	37.2
Habilitações Académicas		
Primeiro ciclo (4º ano)	1	.2
Segundo ciclo (6º ano)	3	.6
Terceiro ciclo (9º ano)	12	2.2
Ensino secundário	181	33.8
Ensino pós-secundário (cursos profissionais)	30	5.6
Licenciatura	248	46.4
Mestrado	55	10.3
Doutoramento	5	.9
Situação profissional		
Estudante	252	47.1
Trabalhadora/o-Estudante	98	18.3
Desempregada/o	33	6.2
Reformada/o	4	.7
Empregada/o	144	26.9
Nível socioeconómico		
Baixo	91	17.0
Médio	240	44.9
Médio-baixo	116	21.7
Médio-alto	51	9.5
Alto	1	.2
Filhos		
Sim	72	13.5
Não	454	84.9
Perturbação mental		
Sim	153	28.6
Não	381	71.2
Álcool		
Sim	254	47.5
Não	280	52.3
Outras substâncias		
Sim	35	6.5
Não	497	92.9

Nota. N = 535. Participantes com idades entre os 18 e os 73 anos.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico

Primeiramente, foi aplicado um questionário sociodemográfico com o objetivo de recolher dados relevantes acerca dos participantes, nomeadamente sexo, idade, orientação sexual, nacionalidade, estado civil, habilitações académicas, situação profissional e nível

socioeconómico. Foi ainda pedido aos participantes que indicassem se estavam atualmente numa relação amorosa (e, em caso afirmativo, a sua duração, em meses).

Escala de Autorrelato da Psicopatia – Versão Curta (SRP-SF)

Para avaliar os traços psicopáticos, foi utilizada a Escala de Autorrelato da Psicopatia – Versão Curta (SRP-SF) de Paulhus et al. (2016), adaptada para português por Seara-Cardoso et al. (2019). O SRP-SF é uma medida de autorrelato, composta por 29 itens e que mede quatro facetas da psicopatia correspondentes ao Modelo de Quatro Fatores de Hare (Hare, 2003), a saber as facetas interpessoal (INT), afetiva (AFF), estilo de vida (LIF) e antissocial (ANT). Cada faceta é composta por sete itens, com exceção da ANT que abrange oito itens, medidos através de uma escala de Likert de 5 pontos que varia entre o 1 (discordo fortemente) e o 5 (concordo fortemente). Para obter os resultados de cada faceta são somados os pontos de cada item individual, e posteriormente serão somados os totais de cada faceta para obter a pontuação total de cada participante.

No que se refere às subescalas do instrumento escolhido, a subescala INT abrange características associadas como a manipulação e a mentira patológica (e.g., “Teria prazer em ‘dar o golpe’ a alguém”), a subescala AFF envolve os aspetos afetivos da psicopatia como empatia diminuída e ausência de remorso e preocupação por terceiros (“Nunca me sinto culpado/a por magoar os outros”), a faceta LIF avalia comportamentos impulsivos e descuidados (“Estou sempre a meter-me em problemas pelo mesmo tipo de coisas”), e, finalmente, a faceta ANT, corresponde a comportamentos antissociais descobertos ou visíveis (“Já ameacei pessoas para me darem dinheiro, roupa ou maquilhagem”). A versão original da SRP-SF demonstra boa consistência interna, tendo a escala total um alfa de Cronbach de .93, e as subescalas variam entre .78 e .86. Na versão portuguesa, a consistência interna da escala total, dimensões e subescalas, apresenta valores de alfa de Cronbach aceitáveis, entre .78 e .84, demonstrando fiabilidade adequada (Seara-Cardoso et al., 2020).

Na presente amostra, a análise de consistência interna da escala total do instrumento demonstrou valores de alfa bons ($\alpha = .86$). Relativamente às subescalas, apresentaram valores entre .59 e .71.

Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes (CADRI-P)

Para avaliar os comportamentos online violentos nas relações de intimidade, foi utilizado o Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes – Versão Portuguesa (CADRI-P), originalmente de Wolfe et al. (2001), traduzida e adaptada para português por

Lucas et al. (2017). Para os efeitos deste estudo foram apenas utilizados os itens da subescala da ciberviolência, constituída por 14 afirmações que avaliam a presença e o tipo de comportamentos violentos que podem ocorrer, através da perpetração e/ou da vitimização (e.g., “Eu envie-lhe SMS ou toques, durante a noite, para a controlar”; “Ela/ele enviou-me SMS ou toques, durante a noite, para me controlar”). Relativamente às suas características psicométricas, a sua versão original apresenta boa consistência interna, com valores de alfa de Cronbach para as subescalas que variam entre .51 e .83 (Wolfe et al., 2001). A versão portuguesa exibe boa validade, precisão e poder discriminativo, assim como boa consistência interna para a subescala de ciberviolência, ($\alpha = 0.85$; Lucas et al., 2017). Na presente amostra verificaram-se valores adequados de consistência interna para a escala de perpetração ($\alpha = .76$).

Escala de Respostas Socialmente Desejáveis – 5 (SDR-S 5)

A Escala de Respostas Socialmente Desejáveis - 5 (SDRS-5) foi utilizada com o objetivo de avaliar a desejabilidade social, nomeadamente em que medida os participantes têm tendência para dar respostas socialmente desejáveis. Composto por 5 itens, este instrumento de autorrelato avalia cada resposta numa escala de Likert de 5 pontos entre “totalmente verdadeiro” e “totalmente falso” para afirmações como “Sou sempre cordial, mesmo com pessoas desagradáveis”. A versão original apresenta consistência interna razoável, com valores de alfa de Cronbach entre .66 e .68 (Hays et al., 1989). A versão portuguesa, de Pechorro et al. (2016) validada numa amostra forense de adolescentes, apresenta uma confiabilidade entre .70 e .73. A análise realizada com a amostra do presente estudo determinou uma má consistência interna ($\alpha = .46$).

Procedimento

O presente estudo integra o Projeto “*The role of positive and negative childhood experiences on antisocial behavior*” do ano letivo de 2022/2023 e utiliza um *design* quantitativo e transversal. Após aprovação da Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Lisboa, a recolha da amostra foi realizada entre maio de 2021 e março de 2022, através da plataforma online *Qualtrics*, onde os questionários selecionados foram colocados em formato digital. Foram definidos como critérios de inclusão ter idade igual ou superior a 18 anos e compreender a língua portuguesa (escrita e falada).

A amostra foi recolhida através de um processo não-probabilístico de conveniência, uma vez que os participantes não foram selecionados aleatoriamente, mas recrutados através da

distribuição do estudo de forma digital. Numa tentativa de combater as limitações inerentes ao processo de recolha de amostra escolhido, assim como aumentar a visibilidade do estudo, foram utilizadas diversas plataformas na partilha do mesmo (e.g., emails, redes sociais e sites).

Foi incluída declaração de consentimento informado, que descreveu os procedimentos, objetivos e natureza do estudo em curso. Informações como a participação voluntária, possibilidade de desistir a qualquer momento sem repercussões ou riscos, tempo médio estimado de preenchimento do questionário (entre 15 e 20 minutos), ausência de custos ou recompensas associadas à participação e questões de confidencialidade foram incluídas no consentimento informado. Ademais, foram também incluídos os contactos das investigadoras, tanto no início como no fim do estudo, caso algum participante desejasse esclarecer alguma dúvida. Foi também indispensável assegurar a confidencialidade de toda a informação recolhida, mantida em formato digital e de acesso exclusivo aos investigadores encarregues do estudo.

Análise de Dados

O presente estudo utiliza um *design* quantitativo e correlacional, tendo por objetivo analisar a relação entre variáveis, nomeadamente a psicopatia e a perpetração de violência online em relações de intimidade. Para tal, foi utilizada a versão 28 do programa de *software* IBM SPSS *Statistics*. Foram realizadas análises descritivas de forma a explorar a prevalência de respostas face às variáveis em estudo. Antes do teste das hipóteses, foi efetuada uma análise exploratória de dados por forma a verificar se os pressupostos subjacentes à utilização dos testes paramétricos foram cumpridos. Não se confirmaram os pressupostos necessários, pelo que se realizaram quer os testes paramétricos quer os não paramétricos. Segundo Fife-Schaw (2006), visto que os resultados obtidos em ambos os procedimentos não diferiram, escolheu apresentar-se os resultados dos testes paramétricos (*t*-Student). Para além disso, apesar da utilização de medidas não paramétricas ser recomendada para amostras que não sigam os princípios da distribuição normal, em amostras grandes, a ANOVA e o *t*-Student são robustos na sua análise (Marôco, 2018).

Para testagem das hipóteses recorreu-se à análise inferencial, pelo que foram utilizados três tipos de testes. Em primeiro lugar foi utilizado o teste de correlação de Pearson para verificar correlações entre o total da psicopatia e as facetas da psicopatia e a perpetração de violência online nas relações de intimidade. A análise das diferenças entre os perpetradores e não perpetradores de violência online nas relações de intimidade ao nível da psicopatia (total e facetas) foi realizada através de um teste *t*-Student para amostras independentes. Para testar o

efeito das facetas da psicopatia na perpetração de violência online, controlando para as variáveis sexo e desejabilidade social, foi realizada uma análise com recurso à MANOVA.

Consideraram-se estatisticamente significativas as diferenças entre médias cujo *p-value* do teste foi inferior a ou igual a .05.

Resultados

Do total de 535 participantes incluídos na amostra, 248 reportou ter perpetrado algum comportamento de violência online na relação de intimidade (46.4%), sendo a média para a perpetração de .463 (*DP*= .49; cf. Tabela 2). Entre os comportamentos online abusivos mais reportados (cf. Tabela 3), os respondentes referiram o uso do telemóvel do parceiro sem a sua permissão (29.2%) e o envio excessivo de mensagens controladoras (20.9%). No geral, as mulheres (*M*= 1.32; *DP*= 2.44) obtiveram resultados superiores aos homens (*M*= 1.06; *DP*= 2.01) no que concerne à perpetração de VRI online.

Relativamente à psicopatia, os participantes obtiveram pontuações mais elevadas na faceta estilo de vida (*M* = 19.72; *DP* = 3.81), tendo pontuado menos na faceta antissocial (*M* = 16.64; *DP* = 2.79). Estes dados constam da Tabela 2.

Tabela 2

Análise Descritiva dos Instrumentos

	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min.	Max.
CADRI-P					
Perpetração	535	.46	.49	.00	1.00
Total	535	1.27	2.36	.00	19.00
SRP-SF					
Facetas da Psicopatia					
Afetiva (AFF)	535	18.07	3.49	4.00	30.00
Interpessoal (INT)	535	18.40	4.17	4.00	33.00
Antissocial (ANT)	535	16.65	2.80	6.00	30.00
Estilo de Vida (LIF)	535	19.71	3.81	4.00	32.00
Total	535	72.85	11.52	18.00	112.00
SDRS-5					
Desejabilidade Social	535	12.79	3.42	2.00	21.00

Tabela 3

Análise Descritiva dos Itens do CADRI-P

Itens	<i>Nunca</i>	<i>1/2 vezes</i>	<i>3-5 vezes</i>	<i>+6 vezes</i>	<i>Total perpetração</i>
	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>	<i>N (%)</i>
1. Mensagens excessivas	423(79.1%)	75(14%)	17(3.2%)	20(3.7%)	112(20.9%)
3. Uso telemóvel sem permissão	379(70.8%)	118(22.1%)	18(3.4%)	19(3.6%)	155(29.2%)
5. Uso da tecnologia para insultar	495(92.5%)	25(4.7%)	4(0.7%)	11(2.1%)	40(7.5%)
7. Mensagens/chamadas controladoras durante a noite	491(91.8%)	33(6.2%)	4(0.7%)	7(1.3%)	44(8.2%)
9. Criar contas falsas	501(93.6%)	29(5.4%)	1(0.2%)	2(0.4%)	34(6.4%)
11. Chamadas excessivas	466(87.1%)	49(9.2%)	9(1.7%)	11(2.1%)	69(12.9%)
13. Invadir conta de e-mail sem permissão	506(94.6%)	25(4.7%)	2(0.4%)	2(0.4%)	29(5.4%)

No que concerne às diferentes facetas da psicopatia, foram também analisadas as diferenças ao nível do sexo, verificando-se diferenças estatisticamente significativas tanto para o total de psicopatia como para todas as facetas ($p < .001$), exceto para a faceta afetiva. Neste sentido, os homens apresentaram resultados superiores quando comparados com as mulheres, mesmo sendo a amostra composta maioritariamente por respondentes do sexo feminino. Ambos os sexos pontuaram mais nas facetas interpessoal e estilo de vida (cf. Tabela 4).

Tabela 4

Diferenças de Sexo no Total e Facetas da Psicopatia

Faceta	Homens		Mulheres		<i>p</i>	<i>t</i>	<i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
AFF	19.58	3.67	17.73	3.36	.431	4.86	3.42
INT	20.29	4.73	17.98	3.92	.021	5.08	4.08
ANT	18.13	3.83	16.31	2.39	<.001	6.01	2.71
LIF	21.63	4.01	19.28	3.64	.030	5.67	3.71
Total	79.64	12.87	71.31	10.62	.001	6.75	11.07

Nota. AFF= faceta afetiva, INT= faceta interpessoal, ANT= faceta antissocial, LIF= faceta estilo de vida.

De forma a testar a H1 que prediz haver uma associação entre a perpetração de violência online e o total de psicopatia, foi utilizada uma correlação de Pearson. Os resultados mostraram uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre a perpetração de violência online (pontuação total do CADRI-P) e a psicopatia, embora fraca, $r = .110$, $p = .011$. Foram também explorados os resultados para as quatro facetas da psicopatia, tendo-se verificado que as facetas interpessoal ($r = .108$, $p = .013$), afetiva ($r = .091$, $p = .035$) e estilo de vida ($r = .089$, $p = .039$) se correlacionaram de forma positiva e estatisticamente significativa com a perpetração de violência online. Por sua vez, a faceta Antissocial não se correlacionou com a perpetração de violência online, $r = .058$, $p = .179$.

Para testar as diferenças entre os jovens adultos que perpetraram violência online em relações de intimidade e os jovens adultos que não perpetraram violência online em relações de intimidade nas facetas da psicopatia (H2), foi realizado um teste *t*-Student.

Foi possível apurar a existência de diferenças significativas entre perpetradores e não perpetradores de violência online para o total de psicopatia e para todas as facetas da psicopatia. Desta forma, perpetradores de violência online obtiveram, em média, pontuações superiores no total de psicopatia ($M = 74.49$) quando comparados com os indivíduos que não perpetraram este tipo de violência ($M = 71.43$). De notar que este efeito foi mais acentuado para as facetas interpessoal, $p = .005$; $d = 4.16$, e estilo de vida, $p = .005$; $d = 3.79$ (cf. Tabela 5).

Tabela 5

Diferenças nas Facetas da Psicopatia e VRI Online

Faceta	Não perpetração		Perpetração		<i>d</i>	<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>	95% IC	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>					<i>L</i>	<i>U</i>
AFF	17.73	3.30	18.47	3.68	3.48	-2.45	500.74	.015	-1.34	-.147
INT	18.00	4.00	18.88	4.33	4.16	-2.45	533	.015	-1.59	-.174
ANT	16.41	2.53	16.92	3.07	2.79	-2.07	479.78	.039	-.99	-.026
LIF	19.29	3.63	20.21	3.98	3.79	-2.80	533	.005	-1.57	-.274
Total	71.43	10.75	74.49	12.18	11.43	-3.05	496.88	.002	-5.02	- 1.090

Nota. AFF= faceta afetiva, INT= faceta interpessoal, ANT= faceta antissocial, LIF= faceta estilo de vida.

Tendo em conta os resultados previamente descritos, e uma vez que se verificaram diferenças de sexo para o total da psicopatia e para as facetas da psicopatia, foi utilizada uma

MANOVA de forma a controlar o efeito das variáveis sexo e desejabilidade social, com o objetivo de perceber se a relação encontrada entre as variáveis se mantém significativa. Assim, foi calculado o valor médio para cada faceta para analisar as diferenças entre os dois grupos, representado pelo valor *M*.

Utilizando a estatística Lambda de Wilks, verificou-se um efeito significativo de todas as facetas da psicopatia na perpetração de violência online, mesmo controlando para a desejabilidade social e sexo $\Lambda = .970$, $F(4,528) = 4.07$, $p = .003$ (cf. Tabela 6). As facetas interpessoal e estilo de vida continuam a ser as mais pontuadas em ambos os grupos.

Tabela 6

Efeito da Desejabilidade Social e Sexo nas Facetas da Psicopatia

Faceta	Não Perpetração		Perpetração		<i>F</i>	<i>Z</i>	<i>p</i>	η^2p
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				
AFF	2.53	.47	2.65	.51	1.064	9.55	.002	.018
INT	2.58	.57	2.70	.60	1.039	9.39	.002	.017
ANT	2.05	.32	2.12	.37	1.615	8.16	.004	.015
LIF	2.76	.52	2.90	.55	1.080	11.98	<.001	.022

Nota. AFF= faceta afetiva, INT= faceta interpessoal, ANT= faceta antissocial, LIF= faceta estilo de vida.

Relativamente à H3, foi criado um filtro de modo a incluir apenas os participantes que reportaram perpetração de violência online, e realizado um teste *t*-Student para comparar as médias dos homens e das mulheres. Os resultados apontam para a existência de diferenças significativas entre homens e mulheres perpetradores de violência no total de psicopatia, $p = .001$, assim como para as diferentes facetas, sendo os homens perpetradores de violência online nas relações de intimidade os que apresentaram pontuações superiores no total de psicopatia e nas diferentes facetas quando comparados com as mulheres (cf. Tabela 7). Ainda assim, o tamanho do efeito nas facetas interpessoal ($t = 3.82$; $p < .001$) e antissocial ($t = 3.39$; $p = .002$) para a perpetração de violência online é maior comparativamente com as restantes. Isto significa que o efeito do sexo na relação entre a perpetração de VRI online e a psicopatia é superior para a faceta antissocial, embora os participantes tenham pontuado mais na faceta interpessoal e estilo de vida.

Tabela 7

Diferenças de Sexo no Total e Facetas da Psicopatia nos Perpetradores de VRI Online

Faceta	Homens		Mulheres		<i>t</i>	<i>df</i>	<i>p</i>	95% IC	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>				<i>L</i>	<i>U</i>
AFF	19.62	4.17	18.27	3.55	2.07	246	.040	.06	2.63
INT	21.32	4.51	18.45	4.16	3.82	246	<.001	1.39	2.81
ANT	19.08	4.42	16.54	2.60	3.39	40.49	.002	1.02	4.05
LIF	21.62	4.53	19.96	3.83	2.10	45.45	.041	.07	3.25
Total	81.65	14.22	73.24	11.37	3.41	44.44	.001	3.44	13.38

Nota. AFF= faceta afetiva, INT= faceta interpessoal, ANT= faceta antissocial, LIF= faceta estilo de vida.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo explorar a relação entre os traços psicopáticos, por recurso ao Modelo dos Quatro Fatores de Hare (2003), e a perpetração de violência online nas relações de intimidade numa amostra comunitária de adultos portugueses, tendo em consideração os resultados encontrados na literatura para a VRI online e offline. Os resultados mostraram um efeito significativo da presença de traços psicopáticos na perpetração de VRI online da amostra em estudo, sendo esta relação superior nos homens e predominando as facetas interpessoal e estilo de vida.

A VRI online é um fenómeno que tem progressivamente surgido como ponto de interesse na investigação, à medida que as novas tecnologias vão evoluindo (Galende et al., 2020). Com o aparecimento de novas formas de comunicação entre pares, familiares e parceiros/as, também as dinâmicas relacionais e estratégias de violência se vão adaptando a esta mudança, tendo aumentado a utilização dos meios tecnológicos como tática para controlar, manipular, humilhar e monitorizar o/a parceiro/a (Muñiz Rivas & Monreal Gimeno, 2017; Peskin et al., 2017; Rodríguez-Domínguez & Segura, 2018). No que concerne à amostra em estudo, 248 dos 535 participantes reportaram ter perpetrado algum tipo de comportamento abusivo online, o que se traduz numa prevalência de 46.4%, situando-se dentro do intervalo encontrado por Caridade et al. (2020) e aproximando-se de valores reportados por outros autores internacionais (Stonard et al., 2017; Smith et al., 2018). Para além disso, tendo em conta

que a amostra deste estudo é composta maioritariamente por jovens adultos e sendo esta faixa etária uma ávida utilizadora das novas tecnologias estes resultados vão no sentido do que era esperado.

Entre os comportamentos online abusivos mencionados no CADRI-P, destacam-se como mais frequentes o uso do telemóvel do parceiro sem a sua permissão e o envio excessivo de mensagens controladoras, indo ao encontro dos dados reportados na literatura (Hancock et al., 2017; Rodríguez-deArriba et al., 2021).

Uma possível explicação para a prevalência destas táticas abusivas, e a sua utilização em detrimento de outras, pode relacionar-se com a perceção de alguns jovens adultos acerca da partilha de dispositivos, palavras-passe e redes sociais entre parceiros como prova de confiança (Caridade et al., 2020; Rodríguez Domínguez et al., 2020). Atualmente, verifica-se entre os jovens casais alguma desconsideração da privacidade individual, resultando na ideia de que ambos devem ter acesso ilimitado aos dispositivos, contas de redes sociais e mensagens um do outro, e que não deve haver segredos ou motivos para esconder conversas privadas, fotos ou outro tipo de conteúdo (Caridade et al., 2020). Já o envio de mensagens controladoras, pode ser explicado pelo facto de os novos meios de tecnologia facilitarem a comunicação rápida, fornecendo formas mais simples e eficazes aos agressores de controlarem e monitorizarem ativamente as vítimas (Rodríguez Domínguez et al., 2020)

Apesar da modernização e dinamização de certas redes sociais ser uma ótima forma de os indivíduos se manterem conectados, principalmente a longa distância, para os perpetradores de VRI online certas funcionalidades mostram-se facilitadoras do controlo sob as suas vítimas, nomeadamente, a partilha de localização ativa através do *iMessage* (iPhone), *Whatsapp* ou *Snapchat* que permite, num mapa, colocar a posição exata do utilizador no momento. Adicionalmente, existe ainda o elemento de distância entre perpetrador e vítima, que torna a violência na intimidade algo que não necessita necessariamente de um confronto presencial, minimizando algum sentido de vergonha e responsabilidade no ofensor, potenciando a ação (Hancock et al., 2017; Rodríguez-deArriba et al., 2021).

Os resultados do presente estudo demonstraram uma maior prevalência da perpetração de VRI online nas mulheres, comparativamente com os homens, refutando as evidências de Rodríguez-Domínguez e Segura (2018), que reportam mais perpetração por parte do sexo masculino. No entanto, importa referir que a amostra é desproporcionalmente composta por participantes do sexo feminino, o que pode influenciar significativamente as conclusões.

O primeiro objetivo passou por analisar a relação entre a perpetração de VRI online e os traços psicopáticos na amostra. As análises realizadas permitiram aceitar a primeira hipótese (Existe uma relação positiva entre o total de psicopatia e a perpetração de violência online em relações de intimidade nos jovens adultos), tendo sido encontrada uma correlação positiva e significativa entre o total da psicopatia e as diferentes facetas da psicopatia, nomeadamente a interpessoal, afetiva e estilo de vida, e a perpetração de VRI online. Estes resultados permitem corroborar investigações anteriores que apontam para características e traços da psicopatia como preditores do comportamento violento em relações de intimidade através da utilização de tecnologia (Branson & March, 2021; Iyican & Babcock, 2018; March et al., 2020).

Uma possível explicação para esta relação pode estar nas semelhanças encontradas para o tipo de comportamentos associados a traços psicopáticos e à perpetração de violência online, como elevada hostilidade, impulsividade, agressividade, manipulação, que perante situações adversas na relação (e.g., ciúmes, desconfiança) podem manifestar-se com mais facilidade, agravando a probabilidade de perpetração (Branson & March, 2021; Caridade & Braga, 2020; March et al., 2020). Adicionalmente, indivíduos com características psicopáticas apresentam traços que aumentam a probabilidade de perpetração de comportamentos abusivos, uma vez que não manifestam sentimentos de empatia e remorsos perante a vítima, por vezes sendo extremamente manipuladores e calculistas, o que faz com que alguns comportamentos não sejam percecionados pela vítima como abuso (Fernández-Suárez et al., 2018; Lycian & Babcock, 2017). É ainda destacado o facto deste tipo de violência em particular não implicar um confronto físico violento, tornando-se por vezes indetetável, sendo este um método quase perfeito de controlo e opressão da vítima sem deixar qualquer tipo de marca visível (Hinduja & Patchin, 2011).

Por outro lado, a faceta antissocial não se correlacionou com a perpetração de VRI online. Segundo a literatura, características antissociais estão associadas à perpetração de violência nas relações de intimidade em diversos contextos, nomeadamente agressão física, verbal, indireta (Cunha et al., 2021, 2022; Thomson et al., 2019). Porém, este tipo de estudos utiliza predominantemente amostras forenses, que são mais propensas a pontuar nos itens que compõem a faceta antissocial, uma vez que implicam comportamentos que envolvem algum tipo de crime (e.g., roubo, agressão). Uma vez que o presente estudo utiliza uma amostra comunitária, este tipo de conduta pode não ser tão prevalente, ou os indivíduos podem não querer admitir tais práticas. Adicionalmente, os tipos de comportamentos mais associados à

perpetração de violência online implicam características como a impulsividade, manipulação e controlo sob a vítima, que aparentam estar mais associados a outras facetas da psicopatia.

O segundo objetivo passou por testar diferenças no total da psicopatia e nas pontuações das quatro facetas da psicopatia entre perpetradores de violência online e não perpetradores. Os resultados permitem aceitar parcialmente a segunda hipótese (Jovens adultos perpetradores de VRI online pontuam mais nas facetas AFF e INT, comparativamente com os que não perpetraram VRI online), na medida em que foram encontradas diferenças entre estes dois grupos para todas as facetas da psicopatia, sendo este efeito superior para as facetas INT e LIF.

Estes resultados vão parcialmente ao encontro dos padrões reportados para a violência offline (Cunha et al., 2020, 2021), nomeadamente no que diz respeito à faceta interpessoal, e assemelham-se aos resultados encontrados por outros autores (Iycian & Babcock, 2018; March et al., 2020). Neste sentido, indivíduos com traços de charme superficial e grandiosidade e com tendência para a mentira patológica, manipulação, impulsividade e irresponsabilidade apresentam maior probabilidade de perpetrar comportamentos de controlo, humilhação e manipulação da vítima através dos meios tecnológicos. Isto pode ser explicado pelo facto da relação destes traços já ter sido observada e reportada para outras forma de violência, e acompanhando a evolução do mundo digital, que facilita a comunicação entre parceiros, é esperado que comportamentos já perpetrados no ambiente offline passem para o online (Pineda et al., 2022; Taylor & Xia, 2018). Como mencionado por Cunha et al. (2021), indivíduos psicopatas são motivados por poder, dominância, controlo e ganhos pessoais em relações de intimidade, questões estas que são apontadas como motivações para a perpetração de violência online (Hancock et al., 2017; Rodríguez-deArriba et al., 2021). Assim, torna-se clara a razão pela qual alguns indivíduos com características psicopáticas escolhem os meios tecnológicos como meio de exercer controlo sob as suas vítimas, uma vez que facilita significativamente o contacto e acesso às mesmas.

O último objetivo deste estudo teve como finalidade analisar o papel do sexo na relação entre variáveis, mais concretamente se existiam diferenças no total da psicopatia e nas facetas da psicopatia entre homens e mulheres perpetradores de VRI online. Os resultados demonstraram que para o total da psicopatia e para todas as facetas, os homens pontuaram mais do que as mulheres, mesmo sendo a amostra maioritariamente composta por mulheres, rejeitando a hipótese definida (“Mulheres que perpetraram VRI online pontuam mais nas facetas AFF e INT, comparativamente com os homens”). Adicionalmente, ambos os sexos obtiveram

resultados superiores para as facetas interpessoal e estilo de vida, tendo sido reportado um efeito maior para estas facetas, à semelhança dos não perpetradores.

Assim, os resultados encontrados não seguem os padrões reportados pela literatura no que concerne à relação entre as facetas da psicopatia e a perpetração de VRI offline, na medida em que não são apenas preditoras as facetas AFF e INT (Cunha et al., 2021), tendo-se verificado um efeito para todas, com ênfase para as facetas INT e LIF. À semelhança do que foi verificado por vários autores, a perpetração online de VRI parece não estar diretamente relacionada com um fator específico, mas características de todos os quatro fatores (Branson & March, 2021; Iyican & Babcock, 2018; March et al., 2020; Pineda et al., 2022).

Curiosamente, a faceta LIF obteve a maior pontuação tanto para homens como para mulheres, que contraria o que era esperado segundo a literatura, ou seja, que homens reportassem mais traços antissociais (Thomson et al., 2019), e que se verificasse uma predominância de traços afetivos e interpessoais nas mulheres (Pinheiro et al., 2020, 2022a, 2022b). Por outro lado, assemelha-se aos resultados de Theobald et al. (2015) apontando a componente estilo de vida como a maior preditora de VRI.

Importa ressaltar que a consistência interna da faceta estilo de vida no instrumento de avaliação é questionável ($\alpha = .59$). Isto pode significar que alguns itens que compõem a faceta estilo de vida na SRP-SF são demasiado vagos e suscetíveis a diferentes interpretações. Entre os comportamentos considerados para formar a faceta estilo de vida destacam-se rebeldia, impulsividade, envolvimento em atividades perigosas, relações sexuais com pessoas que mal conhece, desprezo pelas regras, repetição de comportamentos problemáticos e o prazer em realizar atividades “selvagens”.

Tendo em consideração a idade média dos participantes ($M=25.68$), que corresponde ao período de transição entre a adolescência e a vida adulta, alguns comportamentos são destacados como típicos e normativos nesta fase. O início da descoberta pessoal que molda os ideais, objetivos e perceções acerca dos outros e do mundo, podem impactar significativamente a forma como o jovem adulto se desloca na sociedade (Olmstead, 2020). É nesta fase que os indivíduos sentem necessidade de se afirmarem, começando a surgir o interesse por relações românticas, a atividade sexual, as saídas à noite e o consumo de substâncias. Este tipo de atividades podem ser considerados atos de rebeldia, envolvendo comportamentos de risco, que no entanto, fazem parte do percurso desenvolvimental desta faixa etária (Olmstead, 2020).

Ademais, na última década tem-se verificado um aumento de experiências sexuais casuais entre jovens adultos, e uma normalização do que se considera “*hook-up culture*”,

facilitada pelo surgimento de aplicações como o Tinder, pelo que o item acerca do envolvimento em “relações sexuais com pessoas que mal conhece” pode criar alguma dúvida acerca do que é típico ou atípico neste grupo (Olmstead, 2020).

Por fim, alguns estudos reportaram uma associação entre comportamentos de impulsividade e irresponsabilidade e VRI online (Branson & March, 2021; March et al., 2020), adiantando que perante um facilitador para satisfazer os seus impulsos, neste caso os meios tecnológicos, indivíduos com estas características tornam-se mais prováveis de agir sobre as suas impulsões e perpetrar comportamentos abusivos, por exemplo enviar uma mensagem ameaçadora ou fazer uma chamada como meio de monitorizar a vítima.

Limitações

Como qualquer investigação, o presente estudo não está isento de limitações. No que concerne à recolha da amostra, o método de amostragem não probabilístico pode limitar a visibilidade do estudo e a chance de qualquer pessoa poder participar, assim como não permite a generalização dos resultados à população, e consequentemente não apresenta validade externa, mesmo esta não sendo requerida para fenómenos específicos. Adicionalmente, o facto de ser constituída desproporcionalmente por mulheres ($n = 436$, 81.5%) pode impedir a fiel representação da população em estudo.

De igual modo, é levantada a questão da credibilidade das respostas dos participantes, não só pelo tema principal do estudo referir comportamentos socialmente reprováveis, como é o caso da violência, mas também pela natureza das perguntas ser de certa forma delicada e constituir implicações morais. Por estes motivos, é expectável que os participantes mostrem alguma tendência para subvalorizar as suas ações e consequentemente fornecer respostas socialmente desejáveis e menos incriminatórias. Apesar de ter sido utilizada uma medida de avaliação da desejabilidade social como forma de combater esta limitação, e de se ter verificado através das análises que o efeito desta variável não interferiu nos resultados, importa realçar que a consistência interna da medida se mostrou muito fraca e pode ter implicações nos resultados.

O facto de os instrumentos utilizados serem medidas de autorrelato pode não ser a melhor opção para obter dados fiéis ao fenómeno em estudo, uma vez que os respondentes podem omitir a severidade dos seus comportamentos e desistir sem terem completado todas as questões, levando a um número elevado de *missing values* (Andrade, 2020). Relativamente à VRI online em específico, muitos dos comportamentos que a comportam podem passar

despercebidos e não serem percecionados como abusivos, tanto pela vítima como pelo agressor (Hinduja & Patchin, 2011).

Em termos de comportamentos discriminados no CADRI-P, estão em falta alguns que se encontram bastante demarcados na literatura acerca do fenómeno, como é o caso da partilha online de conteúdo sexual íntimo sem consentimento, ou “pornografia de vingança”, que, infelizmente se tem tornado cada vez mais recorrente (Hearn & Hall, 2022; Stonard et al., 2017).

Estudos Futuros

As limitações do presente estudo devem servir como linhas orientadoras para estudos futuros, e enaltecer a importância de considerarem aspetos relativos à amostra que poderão ter um grande peso na investigação e respetivos resultados. Assim, em estudos futuros seria importante utilizar uma amostra homogénea entre sexos de forma a combater possíveis implicações nos resultados, assim como optar por medidas de avaliação por método de entrevista semiestruturada.

Seria pertinente considerar amostras mais jovens (e.g., ensino secundário dos 15 aos 19 anos) e de diferentes grupos culturais/étnicos e comparar os resultados, de forma a explorar diferenças nas dinâmicas utilizadas por cada grupo, fornecendo uma abordagem compreensiva da problemática. De igual modo, pode tornar-se importante explorar as crenças e perceções acerca dos comportamentos abusivos online em relações de intimidade nos jovens adultos como possível moderador, uma vez que alguns investigadores identificam alguma dificuldade dos indivíduos em classificar certas ações do/a parceiro/a como abusivas (Caridade et al., 2020; Rodríguez Domínguez et al., 2020).

Considerando que a própria presença online pode ser um fator de risco para a perpetração de VRI online (Caridade & Braga, 2020), será importante analisar os comportamentos e padrões de indivíduos que apresentam traços psicopáticos que perpetraram este tipo de violência, nomeadamente a sua atividade nas redes sociais, grupos e fóruns que frequentam, subscrições e tipo de conteúdo que consomem, aplicações de encontros e explorar as interações e de que forma podem influenciar a probabilidade de perpetração.

Dado o impacto da pandemia COVID-19 que deu origem a períodos de isolamento social de alguns meses nos anos de 2020 e 2021, e levou os indivíduos a adaptar as suas formas de comunicação com familiares, amigos e parceiros/as íntimos/as, seria interessante realizar um estudo exploratório capaz de comparar a prevalência do fenómeno da VRI online pré-pandemia e pós-pandemia, de modo a compreender o seu impacto nesta problemática.

Implicações Práticas e Contributos

Sendo o fenómeno da VRI online relativamente novo na investigação, não é surpreendente a escassez de estudos realizados no que concerne à sua relação com a psicopatia. Apesar de se verificarem progressos significativos e admiráveis no estudo das dinâmicas abusivas em relações de intimidade, a investigação acerca da violência online encontra-se consideravelmente limitada. Assim, apesar das limitações mencionadas, o presente estudo fornece contribuições relevantes para a investigação.

O presente estudo é dos primeiros a explorar a relação entre a psicopatia e as diferentes facetas da psicopatia e a perpetração de VRI online numa amostra comunitária de adultos portugueses. O trabalho realizado, sendo focado na população comunitária, que compõe a maior parte da população geral, permite romper com a crença e reduzir o estigma de que a psicopatia está restringida à população forense. Adicionalmente, contribui para uma melhor compreensão das características psicopáticas e como se manifestam no contexto da violência online em relações de intimidade, podendo auxiliar investigadores e profissionais a identificar e avaliar melhor indivíduos com estas características.

À medida que o mundo digital conquista uma parte significativa do espaço e do tempo dos indivíduos, e estando tão presente nas vidas das camadas mais jovens, é importante explorar os perigos associados à sua utilização. Entende-se também que a população jovem universitária se encontra sob elevado risco tanto para perpetração, como para vitimação de violência em relações de intimidade (Caridade et al., 2020), pelo que se torna urgente a sua prevenção precoce.

Apesar de não ser um dos principais objetivos, este estudo fornece dados relevantes acerca do tipo de comportamentos que integra a violência online nas relações de intimidade e a sua relação com traços de personalidade psicopáticos, providenciando algumas pistas e fatores a ter em atenção para o despiste de dinâmicas abusivas. A identificação de comportamentos e padrões comuns associados a indivíduos com traços psicopáticos perpetradores de VRI online é crucial para a investigação e para o desenvolvimento de estratégias de deteção precoce e de prevenção junto da população, reduzindo exponencialmente a sua prevalência e os danos nas vítimas.

A avaliação do risco é indispensável para o desenvolvimento de medidas eficazes, planos de segurança para as vítimas, planos de prevenção junto da população e intervenção junto das pessoas agressoras (Cunha et al., 2021). Este estudo demonstra que a avaliação da psicopatia deve ser incluída nas ferramentas de avaliação do risco em casos de violência nas

relações de intimidade no contexto online, uma vez que se comprova ser um preditor para a perpetração, e que os planos de intervenção desenvolvidos com vista a reduzir esta problemática devem focar nos traços psicopáticos das pessoas agressoras e défices consequentes. Galende et al. (2020) salientam a importância de programas para a prevenção de VRI online incluírem tarefas com o objetivo de modificar atitudes potencialmente perigosas, mitos sobre as relações românticas, atitudes sexistas e autoestima.

A divulgação da investigação científica realizada é essencial na conscientização do público acerca das problemáticas em estudo, aumentando a sensibilização tanto para a identificação de certos comportamentos abusivos nas relações de intimidade pessoais, assim como alertar pessoas próximas que possam estar a passar por situações abusivas e que não sejam capazes de as identificar (Kaukinen, 2014).

Os resultados podem ainda contribuir para o desenvolvimento de iniciativas educativas (programas de prevenção e linhas de apoio a vítimas e pessoas agressoras) nos diversos estabelecimentos de ensino a nível nacional, em estreita cooperação com os investigadores, ajudando os jovens a reconhecer os sinais de VRI online, fatores de risco, e a compreender a importância de relações saudáveis, numa tentativa de trabalhar ativamente no combate à violência nas relações de intimidade. Professores, académicos e outro staff que interajam diretamente com alunos devem ser educados para a problemática, prevalência, comportamentos de VRI online e sinais de manifestação de forma a estarem preparados para intervir e responder de forma adequada em situações de crise, providenciando opções de ajuda às vítimas e pessoas agressoras (Kaukinen, 2014).

Em termos de implicações e soluções tecnológicas, os resultados deste estudo podem sensibilizar e incentivar diversas plataformas e redes sociais a melhorarem as medidas de segurança e sistemas de denúncia para casos de VRI online, assim como serviços de apoio aos utilizadores (e.g., remover publicações ofensivas, remover fotos/vídeos partilhados sem consentimento, limitar e restringir o acesso das pessoas agressoras à plataforma). Já em termos legais, é importante que os órgãos judiciais e judiciais reconheçam os resultados do estudo e assumam a VRI online como um tipo de abuso prevalente, grave, e complexo, com implicações sérias nas vítimas, sendo necessária a rápida intervenção de forma a evitar o seu agravamento.

Com este estudo é esperado que a divulgação da informação recolhida e respetivos resultados tenham um impacto positivo e que contribuam, de certa forma, no desenvolvimento de planos de prevenção e ações de sensibilização junto da população jovem.

Em síntese, o trabalho realizado e os resultados reportados, apesar das limitações identificadas, exploraram e enalteceram uma problemática pertinente no contexto atual, a perpetração de VRI online na população jovem adulta e a sua relação com a psicopatia/traços psicopáticos, contribuindo para a compreensão deste fenómeno e as suas dinâmicas e implicações na comunidade.

Referências

- Andrade C. (2020) The limitations of online surveys. *Indian Journal of Psychological Medicine*, 42(6). 575-576. <https://doi.org/10.1177/0253717620957496>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2020a). *Folha informativa: Stalking*. [PDF]. https://apav.pt/apav_v3/images/folhas_informativas/fi_stalking.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2020b). *Folha informativa: Violência no namoro*. [PDF]. https://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/FolhaInformativa_VNamoro_2020.pdf
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2021). *Estatísticas APAV: Relatório anual 2021*. [PDF]. https://www.apav.pt/apav_v3/images/press/Relatorio_Anual_2021.pdf
- Bhogal, M. S., & Wallace, D. (2022). Cost-inflicting mate retention tactics predict the perpetration of cyber dating abuse. *Evolutionary Psychological Science*, 8(1), 1–9. <https://doi.org/10.1007/s40806-021-00307-8>
- Boduszek, D., Debowska, A., Sherretts, N., Willmott, D., Boulton, M., Kielkiewicz, K., Popiolek, K., & Hyland, P. (2021). Are prisoners more psychopathic than non-forensic populations? Profiling psychopathic traits among prisoners, community adults, university students, and adolescents. *Deviant Behavior*, 42(2), 232–244. <https://doi.org/10.1080/01639625.2019.1665221>
- Branson, M., & March, E. (2021). Dangerous dating in the digital age: Jealousy, hostility, narcissism, and psychopathy as predictors of cyber dating abuse. *Computers in Human Behavior*, 119, 106711. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2021.106711>
- Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas: Uma Abordagem Científica*. Almedina
- Caridade, S., e Sousa, H. F. P., & Dinis, M. A. P. (2020). Cyber and offline dating abuse in a portuguese sample: Prevalence and context of abuse. *Behavioral Sciences*, 10(10), 152–166. <https://doi.org/10.3390/bs10100152>
- Caridade, S. M. M., & Braga, T. (2020). Youth cyber dating abuse: A meta-analysis of risk and protective factors. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 14(3), 24–49. <https://doi.org/10.5817/CP2020-3-2>

- Código Penal e Código Processo Penal (2021). Dos crimes contra a integridade física - Violência Doméstica (art.º 152). In *Lei e Processo* (12ª ed., pp. 55) Almedina.
- Collison, K. L., & Lynam, D. R. (2023). Personality traits, personality disorders, and aggression: A comparison of intimate partner violence and non-intimate-partner aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 45(2), 294–307. <https://doi.org/10.1007/s10862-022-10001-z>
- Cooke, D., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13(2), 171–188. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.171>
- Cooke, D., Michie, C., Hart, S., & Hare, R. (1999). Evaluating the screening version of the Hare Psychopathy Checklist-Revised (PCL:SV): An item response theory analysis. *Psychological Assessment*, 11(1), 3–13. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.11.1.3>
- Costa, D., Soares, J., Lindert, J., Hatzidimitriadou, E., Sundin, Ö., Toth, O., Ioannidi-Kapolo, E., & Barros, H. (2015). Intimate partner violence: A study in men and women from six European countries. *International Journal of Public Health*, 60(4), 467–478. <https://doi.org/10.1007/s00038-015-0663-1>
- Cunha, O., Braga, T., Gomes, H. S., & Abrunhosa Gonçalves, R. (2020). Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R) factor structure in male perpetrators of intimate partner violence. *Journal of Forensic Psychology Research and Practice*, 20(3), 241–263. <https://doi.org/10.1080/24732850.2020.1717279>
- Cunha, O., Braga, T., & Gonçalves, R. A. (2021). Psychopathy and intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3–4), 1720–1738. <https://doi.org/10.1177/0886260518754870>
- Cunha, O., Pinheiro, M., & Gonçalves, R. A. (2022). Intimate partner violence, psychopathy, and recidivism: Do psychopathic traits differentiate first-time offenders from repeated offenders? *Victims & Offenders*, 17(2), 199–218. <https://doi.org/10.1080/15564886.2021.1885545>
- Fife-Schaw, C. (2006). Levels of Measurement. In G. M. Breakwell, S. Hammond, C. Fife-Schaw, & J. A. Smith (Eds.), *Research Methods in Psychology* (pp. 50–63). Sage

Publications, Inc.

- Forth, A., Sezlik, S., Lee, S., Ritchie, M., Logan, J., & Ellingwood, H. (2022). Toxic relationships: The experiences and effects of psychopathy in romantic relationships. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 66(15), 1627–1658. <https://doi.org/10.1177/0306624X211049187>
- Galende, N., Ozamiz-Etxebarria, N., Jaureguizar, J., & Redondo, I. (2020). Cyber dating violence prevention programs in universal populations: A systematic review. *Psychology Research and Behavior Management*, Volume 13, 1089–1099. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S275414>
- Hamberger, L. K., & Larsen, S. E. (2015). Men’s and women’s experience of intimate partner violence: A review of ten years of comparative studies in clinical samples; Part I. *Journal of Family Violence*, 30(6), 699–717. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9732-8>
- Hancock, K., Keast, H., & Ellis, W. (2017). The impact of cyber dating abuse on self-esteem: The mediating role of emotional distress. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 11(2), 45–57. <https://doi.org/10.5817/CP2017-2-2>
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2009). Psychopathy: Assessment and forensic implications. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 54(12), 791–802. <https://doi.org/10.1177/070674370905401202>
- Hare, R. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised*. Multi-Health Systems.
- Hare, R. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised (2nd Ed.)*. Multi-Health Systems.
- Hays, R., Hayashi, T., & Stewart, A. (1989). A Five-Item Measure of Socially Desirable Response Set. *Educational and Psychological Measurement*, 49(3), 629–636. <https://doi.org/10.1177/001316448904900315>
- Hearn, J., & Hall, M. (2022). From physical violence to online violation: Forms, structures and effects: A comparison of the cases of ‘domestic violence’ and ‘revenge pornography’. *Aggression and violent behavior*, 67, 101779. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2022.101779>

- Hinduja, S., & Patchin, J. (2011). *Electronic dating violence: A brief guide for educators and parents.* [Fact Sheet]. Cyberbullying Research Center. https://cyberbullying.org/electronic_dating_violence_fact_sheet.pdf
- Iyican, S., & Babcock, J. C. (2018). The relation between the two factors of psychopathy and intimate partner aggression. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 27(2), 119–130. <https://doi.org/10.1080/10926771.2017.1334020>
- Kaukinen, C. (2014). Dating violence among college students: The risk and protective factors. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15(4), 283–296. <https://doi.org/10.1177/1524838014521321>
- Leemis R.W., Friar N., Khatiwada S., Chen M.S., Kresnow M., Smith S.G., Caslin, S., & Basile, K.C. (2022). *The national intimate partner and sexual violence survey 2016/2017: Report on intimate partner violence*. National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Lucas, S., Pinheiro, M., & Simões, M. (2017). *Inventário de Conflitos na Relação de Namoro de Adolescentes (CADRI-P)*. Instituto Piaget. Centro Hospitalar Tondela.
- Lutgendorf, M. A. (2019). Intimate partner violence and women's health. *Obstetrics & Gynecology*, 134(3), 470–480. <https://doi.org/10.1097/AOG.0000000000003326>
- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2018). Characteristics of intimate partner violence victimization experienced by a sample of portuguese men. *Violence and Victims*, 33(1), 157–175. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.33.1.157>
- March, E., Litten, V., Sullivan, D. H., & Ward, L. (2020). Somebody that I (used to) know: Gender and dimensions of dark personality traits as predictors of intimate partner cyberstalking. *Personality and Individual Differences*, 163, 110084. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110084>
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (7ª edição). ReportNumber.
- Meier, I. (2023). *The dark tetrad and the perpetration of cyber dating abuse* [Tese de Mestrado, Universidade de Tilburg]. <https://arno.uvt.nl>

- Mullins-Nelson, J. L., Salekin, R. T., & Leistico, A.-M. R. (2006). Psychopathy, empathy, and perspective-taking ability in a community sample: Implications for the successful psychopathy concept. *International Journal of Forensic Mental Health*, 5(2), 133–149. <https://doi.org/10.1080/14999013.2006.10471238>
- Muñiz Rivas, M., & Monreal Gimeno, M. C. (2017). Violencia de pareja virtual y ajuste psicosocial en la adolescencia desde la perspectiva de género. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología.*, 2(1), 115–124. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.924>
- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correia, M., Abreu, A., Correia, A., Topa, J. & Silva, E. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2020*. Associação Plano i. Acedido a 12 de setembro de 2023 em <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/Estudo-Nacional-VN-2017-2020.pdf>
- Olmstead, S. B. (2020). A decade review of sex and partnering in adolescence and young adulthood. *Journal of Marriage and Family*, 82(2), 769–795. <https://doi.org/10.1111/jomf.12670>
- Patrick, C. J. (2022). Psychopathy: Current knowledge and future directions. *Annual Review of Clinical Psychology*, 18(1), 387–415. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-072720-012851>
- Pechorro, P., Ayala-Nunes, L., Oliveira, J. P., Nunes, C., & Goncalves, R. A. (2016). Psychometric properties of the Socially Desirable Response Set-5 among incarcerated male and female juvenile offenders. *International Journal of Law and Psychiatry*, 49, 17-21. <https://doi.org/10.1016/j.ijlp.2016.05.003>
- Peskin, M. F., Markham, C. M., Shegog, R., Temple, J. R., Baumler, E. R., Addy, R. C., Hernandez, B., Cuccaro, P., Gabay, E. K., Thiel, M., & Emery, S. T. (2017). Prevalence and correlates of the perpetration of cyber dating abuse among early adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 46(2), 358–375. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0568-1>
- Pineda, D., Galán, M., Martínez-Martínez, A., Campagne, D. M., & Piqueras, J. A. (2022).

- Same personality, new ways to abuse: How dark tetrad personalities are connected with cyber intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(13–14), NP11223–NP11241. <https://doi.org/10.1177/0886260521991307>
- Pinheiro, M., Cunha, O., & Gonçalves, R. A. (2020). Emotions, affections, and psychopathy among female prisoners. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 64(6–7), 708–729. <https://doi.org/10.1177/0306624X19895976>
- Pinheiro, M., Gonçalves, R. A., & Cunha, O. (2022). Psychopathy and reoffending among incarcerated women. *Women & Criminal Justice*, 32(6), 556–570. <https://doi.org/10.1080/08974454.2022.2094525>
- Plouffe, R. A., Wilson, C. A., & Saklofske, D. H. (2022). The role of dark personality traits in intimate partner violence: A multi-study investigation. *Current Psychology*, 41(6), 3481–3500. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00871-5>
- Robertson, K., & Murachver, T. (2007). It takes two to tangle: Gender symmetry in intimate partner violence. *Basic and Applied Social Psychology*, 29(2), 109–118. <https://doi.org/10.1080/01973530701331247>
- Robertson, E. L., Walker, T. M., & Frick, P. J. (2020). Intimate partner violence perpetration and psychopathy: A comprehensive review. *European Psychologist*, 25(2), 134–145. <https://doi.org/10.1027/1016-9040/a000397>
- Rodríguez Domínguez, C., Pérez-Moreno, P. J., & Durán, M. (2020). Ciberviolencia en las relaciones de pareja: una revisión sobre su metodología de investigación. *Anales de Psicología*, 36(2), 200–209. <https://doi.org/10.6018/analesps.370451>
- Rodríguez-deArriba, M.-L., Nocentini, A., Menesini, E., & Sánchez-Jiménez, V. (2021). Dimensions and measures of cyber dating violence in adolescents: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 58, 101613. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2021.101613>
- Rodríguez-Domínguez, C., & Segura, M. D. (2018). Ciberagresores en el noviazgo adolescente y su relación con la violencia psicológica, el sexismo y los celos. *Health and Addictions*, 18(1), 17–27. <https://doi.org/10.21134/haaj.v18i1.329>

- Sistema de Segurança Interna (SSI). (2021). *Relatório Anual de Segurança Interna – Ano 2021*. Sistema de Segurança Interna. Gabinete do Secretário-Geral. <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc23/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-2021>
- Scott-Storey, K., O'Donnell, S., Ford-Gilboe, M., Varcoe, C., Wathen, N., Malcolm, J., & Vincent, C. (2023). What about the men? A critical review of men's experiences of intimate partner violence. *Trauma, Violence, & Abuse*, 24(2), 858–872. <https://doi.org/10.1177/15248380211043827>
- Smith, K., Cénat, J. M., Lapierre, A., Dion, J., Hébert, M., & Côté, K. (2018). Cyber dating violence: Prevalence and correlates among high school students from small urban areas in Quebec. *Journal of Affective Disorders*, 234, 220–223. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.043>
- Spencer, C. M., Stith, S. M., & Cafferky, B. (2022). What puts individuals at risk for physical intimate partner violence perpetration? A meta-analysis examining risk markers for men and women. *Trauma, Violence, & Abuse*, 23(1), 36–51. <https://doi.org/10.1177/1524838020925776>
- Stonard, K. E., Bowen, E., Walker, K., & Price, S. A. (2017). “They’ll always find a way to get to you”: Technology use in adolescent romantic relationships and its role in dating violence and abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(14), 2083–2117. <https://doi.org/10.1177/0886260515590787>
- Taylor, S., & Xia, Y. (2018). Cyber partner abuse: A systematic review. *Violence and Victims*, 33(6), 983–1011. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.33.6.983>
- Theobald, D., Farrington, D. P., Coid, J. W., & Piquero, A. R. (2015). Are male perpetrators of intimate partner violence different from convicted violent offenders? Examination of psychopathic traits and life success in males from a community survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(9), 1687–1718. <https://doi.org/10.1177/0886260515569061>
- Thomson, N. D., Bozgunov, K., Psederska, E., & Vassileva, J. (2019). Sex differences on the four-facet model of psychopathy predict physical, verbal, and indirect aggression. *Aggressive Behavior*, 45(3), 265–274. <https://doi.org/10.1002/ab.21816>

Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A.-L. (2001). Development and validation of the Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory. *Psychological Assessment*, 13(2), 277–293. <https://doi.org/10.1037/1040-3590.13.2.277>